



“DEMORA UM POUQUINHO MAIS, MAS A GENTE CHEGA LÁ”: ESTRATÉGIAS BIOPOLÍTICAS NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO IDOSO EM PROPAGANDAS DE ESCOLAS DE IDIOMAS DE LÍNGUA INGLESA

“It Takes a Little Longer, but we Get There”: Biopolitical Strategies in the Constitution of the Elderly Subject in Advertising of English Language Schools

Emanuele Vitória de Oliveira Leite¹

Francisco Vieira da Silva²

Resumo: O objetivo deste estudo reside em analisar as estratégias biopolíticas que produzem discursos sobre o sujeito idoso em propagandas de escolas de idiomas de língua inglesa. Para tanto, ancora-se nas investigações na área da Análise do Discurso (AD) francesa, tendo Foucault (1995; 1996; 2005; 2008a; 2008b; 2008c) como autor basilar, além de Monteiro (2014), Navarro e Bazza (2012), Siqueira (2018) e Salles e Gimenez (2010), Gimenez (2015) e Leite Oliveira e Coura (2020), dentre outros. O *corpus* de análise engloba enunciados extraídos de três propagandas das franquias CNA Itaguaí (2018), Inglês *Athus* (2018) e BSL-Inglês para brasileiros (2018). Quanto à questão metodológica, este trabalho situa-se numa perspectiva descritivo-interpretativa de abordagem qualitativa. As análises permitem observar o funcionamento de estratégias biopolíticas que se voltam ao governo do sujeito idoso na aprendizagem do inglês, construído como um idioma de prestígio no momento histórico atual. Além disso, observa-se que as identidades desses sujeitos são (re) construídas conforme deslocamentos e interesses do biopoder, entendido como estratégia de regulação, gerenciamento e controle do corpo populacional. Assim, o idoso é discursivizado como um sujeito ativo, autônomo, saudável, atualizado e disposto a aprender inglês.

Palavras-chave: Sujeito idoso. Biopolítica. Ensino. Língua Inglesa. Propaganda.

Abstract: The aim of this study is to analyze the biopolitical strategies that produce discourses about the elderly subject in advertisements for English Language Schools. To this end, it is anchored in investigations in the field of French Discourse Analysis (FDA), with Foucault (1995; 1996; 2005; 2008a; 2008b; 2008c) as the main author, in addition to Monteiro (2014), Navarro and Bazza (2012), Siqueira (2018) and Salles and Gimenez (2010), Gimenez (2015) and Leite Oliveira and Coura (2020), among others. The corpus of analysis includes statements extracted from three advertisements for the CNA Itaguaí (2018), Inglês *Athus* (2018) and BSL-Inglês para Brasileiros (2018) franchises. As for the methodological issue, this work is based on a descriptive-interpretive perspective of a qualitative approach. The analyzes allow observing the functioning of biopolitical strategies that focus on the government of the elderly

¹ Graduada em Letras-Inglês pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e em Pedagogia pelo Centro Universitário INTA (UNINTA). Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade Dom Alberto. Mestranda em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9444-7476>. E-mail: emanuellevitoriaa15@hotmail.com.

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4922-8826>. E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br

subject in learning English, constructed as a prestigious language in the current historical moment. In addition, it is observed that the identities of these subjects are (re) constructed according to displacements and interests of biopower understood as a strategy for regulation, management and control of the population body. Thus, the elderly are discussed as active, autonomous, healthy, up-to-date and willing to learn English.

Keywords: Elderly subject. Biopolitics. Teaching. English language. Advertising.

1 Considerações iniciais

É sabido que o envelhecimento é um fenômeno irremediável para todas as pessoas, de todas as classes, gêneros, raça e etnia. Contudo, hoje mais do que nunca, a população que envelhece busca meios de inserção social e significados para a sua existência, com vistas a tornar-se protagonistas de suas vidas. Consoante a isso, assistimos ao acolhimento de diversos setores que agora se voltam a esse público, como as escolas de idiomas, que se mostram cada vez mais inclusivas, revelando interesse por essa nova fatia do mercado.

Uma das estratégias de acolhimento do idoso pode ser identificada por meio da profusão lexical utilizada para referir-se a tal sujeito. É possível constatar uma infinidade de termos que são habilidosamente empregados para nomeá-lo, tais como: novo idoso, melhor idade, terceira idade, *sêniors*, bem vivido e outras³. Outras técnicas como esta também são usualmente reelaboradas com o propósito de que o sujeito se compreenda como participante de uma sociedade consumista, ativa e capitalista.

O fato de as escolas de idiomas trabalharem como um mercado faz-nos acreditar que o seu interesse prioritário é o lucro que este público lhes pode oferecer, uma vez que sempre procuram ocupar o seu dia com atividades e estabelecer os seus projetos de vida. Concorrem para esse interesse discursos relativos ao campo da saúde, os quais defendem que o aprendizado de um novo idioma por parte de idosos protege o cérebro de alterações causadas pelo mal de Alzheimer⁴. Dessa medida, busca-se o governo do sujeito idoso por meio do apelo à saúde e ao bem-estar mental, com vistas a encorajá-lo a aprender inglês.

Partindo desses apontamentos, este estudo consiste em analisar como as estratégias biopolíticas⁵ produzem a subjetividade do sujeito idoso em discursos de propagandas das seguintes escolas de idiomas de língua Inglesa (LI): CNA Itaguaí, Inglês *Athus* e BSL: Inglês para brasileiros. Assim, este estudo se justifica pelo fato de a temática ser ainda pouco explorada. Numa busca realizada em março de 2023, no *Google Acadêmico*, constatamos a existência de uma lacuna nos estudos que envolvem o sujeito idoso, as escolas de idiomas e o ensino de língua inglesa. Dos poucos trabalhos encontrados na área dos estudos linguísticos e, com maior afinidade temática, podemos citar: Menezes (2017) que estuda a (im)possibilidade de tomada da palavra em língua inglesa por alunos da Terceira Idade; o estudo de Kiminami (2016) que analisa discursos e subjetivações de campanhas publicitárias de escolas de língua

³ Optamos pelo uso do termo sujeito idoso ou somente idoso, amparados no Estatuto do Idoso (2003) e as reformulações realizadas no texto em 2022.

⁴ Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2018/02/07/ser-bilingue-pode-neutralizar-alteracoes-cerebrais-causadas-pelo-alzheimer.htm>. Acesso em: 22 mar. 2023.

⁵ Estratégia de controle dos corpos e sujeitos que visa à organização populacional conforme os interesses políticos de um dado contexto.

Justificamos a importância deste estudo pelo fato de a temática ser ainda pouco explorada. Numa busca realizada em março de 2023, no *Google Acadêmico*, constatamos a existência de uma lacuna nos estudos que envolvem o sujeito idoso, as escolas de idiomas e o ensino de língua inglesa. Dos poucos trabalhos encontrados na área dos estudos linguísticos e, com maior afinidade temática, podemos citar: Menezes (2017), que estuda a (im)possibilidade de tomada da palavra em língua inglesa por alunos da Terceira Idade; o estudo de Kiminami (2016) que analisa discursos e subjetivações de campanhas publicitárias de escolas de língua inglesa; Silveira (2010), que aborda o imaginário sobre o idoso e Monteiro (2014), que discorre sobre a governamentalidade, biopolítica e biopoder em discursos sobre o corpo velho (termo empregado pela autora). Outras pesquisas também se debruçam sobre o estudo do idoso, como Barroso (2012), que investiga as motivações, benefícios e dificuldades da aprendizagem de inglês na terceira idade, e Aguiar (2018), ao analisar as representações do envelhecimento do livro didático de inglês. Desse breve levantamento, podemos observar que nenhum trabalho triangula a biopolítica, o sujeito idoso e as propagandas de escolas de língua inglesa.

Outra inquietação para o desenvolvimento deste estudo adveio do fato de convivemos cotidianamente com discursos que tomam o sujeito idoso como objeto de interesse do biopoder, compreendido, na esteira de Foucault (2005), como a inscrição da vida e do bem-estar da população como um elemento passível de governo e de controle.

Para corroborar esse argumento, vejamos como o Estado brasileiro tem exercido sobre o idoso diferentes tecnologias do biopoder, por meio de dispositivos legais e normativos. Nesse sentido, a Constituição Federal garante que a família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando a sua participação na comunidade (BRASIL, 1988). O Estatuto do Idoso (2003) prevê a criação de oportunidades de ensino direcionado a este público, adjunto a adaptações de metodologias, abordagens e adequação de currículos.

Ademais, técnicas de comunicação e inclusão na era tecnológica também são fundamentos necessários nos cursos voltados para a Tecnologia da Informação (TI). Conforme essa regulamentação, conteúdos vinculados à valorização do idoso e aos processos de envelhecimento necessitam ser incluídos na educação básica, visando promover a erradicação do preconceito e da discriminação. Já a Política Nacional de Saúde do Idoso (BRASIL, 1998) defende a modificação de currículos que abordem o processo de envelhecimento e desmistificação de preconceitos, de modo a colaborar para a valorização da população idosa.

Vale, pois, problematizar os interesses do mercado, notadamente das Escolas de Idiomas, acerca do idoso como um grupo consumidor. Os idosos foram historicamente privados de diversos direitos e garantias, por serem um público que já não mais conseguia exercer funções “coletivamente úteis”. Todavia, com o crescimento significativo dessa parcela populacional, este mesmo público começou a ser progressivamente visado pelo mercado na atual faceta do neoliberalismo econômico.

Quanto ao inglês, dentre outras razões que fazem do idioma uma língua de destaque no cenário atual, pode-se evidenciar que tal língua constitui uma espécie de símbolo do capitalismo, sobretudo após o momento de tensão da Guerra Fria, EUA e União Soviética (URSS) e o golpe civil-militar de 1964, em que o Brasil encontrou apoio nos EUA e, por essa razão, passou a ser compreendida, segundo Vasconcelos e Siqueira (2021, p. 54) como uma nação que representa “o “bem” e o seu idioma integra esse pacote ideológico”. É partindo dessa perspectiva que se pode ponderar sobre a LI como um idioma relativo ao desenvolvimento, seja pessoal, profissional, econômico ou social. Assim, a LI associa-se ao sucesso, tendo em vista a sua hegemonia nas relações de poder e no prestígio em escala global. Dessa forma, o inglês é concebido como uma língua que reflete “[...] o capitalismo, o sucesso, o desenvolvimento, as

liberdades, o livre mercado, o cristianismo e, acima de tudo, a democracia” (VASCONCELOS; SIQUEIRA, 2021, p. 54).

Nesse sentido, o corpus do estudo é composto por três materialidades hospedadas no *YouTube* e/ou nos sítios das franquias. A primeira materialidade analisada pertence à franquia CNA e se encontra disponível no *YouTube* com 225 visualizações e é intitulada “CNA Seniors”. O vídeo, publicado em 2018, pode ser encontrado no canal CNA ITAGUAÍ. Os discursos presentes nessa materialidade ressaltam a nova modalidade de curso direcionada ao público idoso com mais de 60 anos. A materialidade discursiva que sucede pode ser encontrada na página da franquia “Inglês *Athus*”, a matéria “Por que devemos nos preparar para essa ‘NOVA’ geração de alunos?” foi publicada em setembro de 2018. Por fim, na página da franquia “BSL- Inglês para Brasileiros” encontra-se a última materialidade, assim intitulada: “É possível aprender inglês na terceira idade? Saiba como!”. O texto foi publicado em outubro de 2018 e oferece ao leitor três razões para aprender inglês na terceira idade e três dicas de como fazê-lo. A escolha pelas diferentes franquias deu-se pela disponibilidade de materiais e para evidenciar possíveis regularidades das escolas de idiomas sobre este público.

No que se refere à metodologia, convém frisar que este estudo é de natureza descritivo-interpretativa, porque nos interessa estudar o funcionamento das estratégias biopolíticas e a constituição do sujeito idoso no batimento entre descrição e interpretação. A abordagem é essencialmente qualitativa, pelo fato de abordamos a natureza do fenômeno em estudo, sem lançarmos mão de quantificações, dados estatísticos e variáveis controladas.

Este trabalho está estruturado em três seções, além desta introdução, quais sejam: um breve aporte teórico em que são discutidos conceitos importantes para o estudo, a seção de análise das propagandas e algumas considerações finais.

2 Fundamentação teórica

Este estudo apresenta algumas considerações acerca de duas fases de estudo do filósofo francês Michel Foucault (1926-1984), a saber: a) a fase denominada arqueológica, em que o autor investiga as condições de emergência de determinados saberes, bem como suas discontinuidades e transformações e b) fase genealógica que recai sobre as diversas tecnologias de poder que atuam sobre os corpos e as subjetividades.

Amparando-se nas palavras de Foucault (2008a), é pertinente considerar o conceito de discurso como fundamental para o desenvolvimento deste trabalho, assim definido pelo autor francês:

[...] um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. O discurso, assim entendido, [é um] fragmento de história, unidade e discontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às complicitades do tempo. (FOUCAULT, 2008a, p. 132-133)

O discurso é compreendido na perspectiva foucaultiana como um acontecimento que surge em condições sociais, políticas e econômicas específicas e rege por saberes concernentes

a uma dada formação discursiva. A constituição do discurso ocorre por meio de enunciados que, de acordo com este mesmo autor, representa uma função de existência que cruza diferentes e se relaciona com as regras de formação de uma dada época.

A função enunciativa, segundo Foucault (2008a) pode ser compreendida a partir de propriedades, que são: (i) o referencial, (ii) a posição de sujeito, (iii) o domínio associado e (iv) a materialidade repetível. Inicialmente, convém destacar que o referencial não trata de alusão a coisas, fatos ou seres, conforme destaca o autor, mas refere-se às leis de possibilidade de existência de um dado enunciado em dadas condições. É ele quem define as possibilidades de surgimento, seus condicionantes, bem como as fronteiras, validando, limitando ou impedindo as formas de utilização do enunciado.

A segunda propriedade, referente à posição do sujeito no enunciado, não pode ser compreendida enquanto o agente que fala, como a pessoa gramatical ali presente ou com os sintagmas linguísticos que o compõe. Trata-se, antes de tudo, de uma posição. De acordo com Foucault (2008a), as frases, proposições e conjuntos de signos só se constituem como enunciados porque se reconhece ali uma posição de sujeito, uma posição a ser assumida.

Ainda se referindo às propriedades, o autor reflete acerca de uma terceira característica da função enunciativa: a existência de um domínio associado. Segundo essa perspectiva, o enunciado relaciona-se tanto com formulações anteriores quanto com aquelas que ainda virão numa posterioridade. Tem-se, pois, uma constante reatualização de enunciados que não são neutros, independentes ou livres, senão encadeados uns aos outros (FOUCAULT, 2008a).

Por fim, temos a materialidade repetível, quarta e última característica do enunciado. De acordo com Foucault (2008a, p. 114), “[...] o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data.” Isso pressupõe que o enunciado se inscreve no âmbito das coisas efetivamente ditas, carecendo, pois, de uma instância que legitime o seu aparecimento.

Além dessas conceituações, também nos valem de outras discussões suscitadas por Foucault (1995), especialmente em relação ao poder e as suas variações. Ao nos debruçarmos sobre as relações de poder existentes na sociedade e, mais especificamente, nos discursos das escolas de idiomas de língua inglesa sobre a necessidade de aprendizado da língua como signo de sucesso e *status*.

Para tanto, urge refletir acerca das considerações de Foucault (1995) sobre o poder. A princípio, somos levados a pensar o poder enquanto um mecanismo de opressão, de agir deliberadamente sobre a vida do outro, de determinar ou ordenar. Todavia, o poder a que Foucault (1995) se refere é um mecanismo muito mais sutil, que foi, e tem sido aprimorado ao longo dos anos. A sua maneira de funcionamento não é impositiva nem hierárquica, mas sugere, antes de tudo, possibilidade de fuga e resistência aos sujeitos. Esta possibilidade é condição para que o sujeito aja “livremente”, produzindo a sua subjetividade a partir de estratégias resultante de uma rede de poderes, que se exerce nos corpos, a fim de que o sujeito se adapte e seja moldado conforme os interesses daquele contexto, cenário e regime de verdade.

Conforme Foucault (1995, p.11), “ele [o poder] incita, ele induz, ele contorna, ele facilita ou torna mais difícil, ele alarga ou limita, ele torna mais ou menos provável”. O autor segue afirmando “no limite ele constrange ou impede completamente; mas ele é sempre uma maneira de agir sobre um ou sobre sujeitos atuantes, enquanto eles agem ou são susceptíveis de agir. Uma ação sobre ações”. Dessa feita, o exercício do poder é responsável por dirigir e coordenar as condutas, as ações e os comportamentos. O poder é uma ação atuante sobre a vida dos sujeitos que visa a conduzir o sujeito como um ser social. A mecânica do poder, ao contrário do que se pode imaginar, não se exerce apenas como forma de opressão, mas, principalmente,



De forma interligada à vontade de verdade, existem os procedimentos de exclusão que resultam na rarefação do sujeito que não adota ou se ajusta ao regime de verdade vigente. A vontade de verdade atua como um poder coercitivo sobre os discursos, exercendo certa pressão. São esses domínios e mecanismo de controle que regulam e inspecionam, controlando os novos discursos através daquilo que já é legalmente institucionalizado. A vontade de verdade relaciona-se com os discursos que atravessam o sujeito, calcados nas instituições, mas exercendo, por sua vez, um poder de imposição, força e necessidade, gerando novos enunciados ou novos meios de confirmação ou refutação do que se pretende dizer (FOUCAULT, 1996).

Não se nega, pois, nem se pode ocultar que a população idosa sofre forte preconceito em função, acredita-se, das suas condições biológicas e capacidades reduzidas, além de possuir um lugar social de desvalorização, muito embora esse preconceito tenha sido percebido de forma mais acentuada em outros momentos. Considerável parte dessa marginalização é destacada no estudo de Oliveira (2010), ao constatar que a sociedade é excludente quanto ao idoso, impossibilitando-o muitas vezes de acompanhar as mudanças e os deixando à margem da sociedade.

Morais e Andrade (2014) apontam ainda que este público é representado de diferentes maneiras, em distintos momentos. Como indivíduos sábios, como conhecedores da vida e do mundo e, por outro lado, emoldurados como sujeitos com limitações e dificuldades, destacando, por sua vez, estereótipos e propagando juízo de valor. Nessa mesma perspectiva, o trabalho de Narravo e Bazza (2012), ao analisar o processo de subjetivação do sujeito idoso a partir de textos da mídia, aponta para a objetivação desse sujeito de forma ativa social, financeira e sexualmente. Assim, constata-se dois importantes fatores: por um lado, as relações de poder que emergem desses enunciados visando ao governo desse sujeito e, por outro, um esforço de adoção e adesão a tais práticas do sujeito discursivizadas nos enunciados.

Alguns exemplos são elencados no estudo de Narravo e Bazza (2012, p. 144-145), como na área da medicina, em que se desenvolveram robustas pesquisas voltadas à criação de medicações e tratamentos. Dessa feita, os autores asseveram que “[...] essas e outras esferas sociais tomam os idosos como tema de suas práticas discursivas, procurando vender e legislar para eles, descrevê-los e/ou orientá-los”. Assim sendo, corrobora-se com Narravo (2018), quando afirma que o Estado já não é mais o único lugar e forma do exercício de poder, pois existem diversas outras forças que atuam sobre a vida do sujeito. É possível identificar, consoante o exposto, que essas estratégias se configuram a partir do que Foucault (2005) denomina de estratégias biopolíticas, que se exercem tomando como pressuposto a organização e a administração da população através de mecanismos de poder e coerção.

É pertinente analisar que o biopoder se exerce também no controle e cuidado com os problemas populacionais, neste caso, da população idosa. De acordo com as teorizações de Foucault (2005, p.287), conseguimos compreender o biopoder enquanto técnica de governo da vida que pode ser compreendido a partir de dois eixos relacionados: a disciplina e a biopolítica. Na sociedade atual, o biopoder se exerce de forma distinta do poder soberano, o qual tinha direito de “fazer morrer e deixar viver” para exercer-se de outra forma: “deixar viver e fazer morrer”. Isso pode ser explicado por meio de um deslocamento nas relações de saber-poder e, segundo o autor, por meio de uma modificação nas artes de governar, sem deixar de existir, mas funcionando de maneira muito mais engenhosa.

O primeiro eixo, a disciplina, pode ser entendida enquanto um mecanismo de governo do corpo individual, cujo intuito é a sujeição, adestramento, docilização e serventia dos corpos. O segundo, enquanto biopolítica, inclui a população como um todo, além de cuidar de aspectos

de escala geral, como natalidade, longevidade, saúde, raça e outros. A biopolítica, segundo esses princípios, age por meio de controle de regulação e intervenção social.

Seguindo esse viés argumentativo, as instituições surgem nesse contexto, segundo Narravo (2018), como forma de controle e assistência. O autor analisa o idoso como objeto do discurso, que pode ser tanto para atribuir-lhes uma nova maneira de designação, determinado quem o sujeito é, como pode ser denominado para assumir esta e não outra identidade e ainda para exercer governo sobre a vida do sujeito, garantindo uma existência mais saudável e feliz durante a velhice.

O governo da população idosa deve fazer viver essa mesma população, e uma das formas é dar-lhe condições de acesso ao mundo digital. O poder os tira da condição de sujeito à espera da morte e os lança, novamente, no sistema capitalista. O corpo do “novo velho” é um corpo que produz. Nesse sentido, o “novo velho” é aquele cujo corpo se adapta às novas formas de interação com o mundo, pela linguagem da *web*; e uma das formas de manifestação do exercício desse poder é fazer esse sujeito falar conforme as regras de formação discursiva da *web* (NARRAVO, 2018, p. 276).

O deslocamento das relações de saber-poder, que outrora não entendiam o sujeito idoso enquanto centro das suas práticas e dos seus interesses, foram agora resignificados em consequência um aumento populacional deste público. Criam-se estratégias de acolhimento, de inserção, políticas e mecanismos que sejam capazes de convocar esses sujeitos a participarem do mundo capitalista. Alinhado a isso, o estudo de Silveira (2010) apresenta uma importante discussão quando estabelece uma distinção entre dois estágios, ou melhor, dois tipos de velhice: “[...] assistimos à segregação da velhice entre velha, ou seja, doente, deficiente em acompanhar metas, com crescente *déficit* cognitivo e social, não-adaptável às inovações; e outra nova que mimetiza o ideal de juventude” (SILVEIRA, 2010, p.72). Nesse sentido, observa-se, de um lado, o idoso que acompanha as mudanças sociais e, na perspectiva foucaultiana, é governado pelas estratégias biopolíticas e, por outro lado, aquele que não é adaptável às modificações ou substituições sociais; por isso, podem ser percebidos como uma espécie de resistência ao poder.

Esse deslocamento também pode ser interpretado a partir de Foucault (2008b) ao afirmar que a verdade e o poder estão imbricados. A verdade é gerada por meio de procedimentos de coerção, de força e, então, emergem as relações de poder. Vale salientar ainda que este regime é determinado de acordo com a sociedade e, por isso, é esta que define e indica a sua política, isto é, as regras, o estatuto, técnicas e procedimentos que permite identificarmos verdadeiros e falsos. Por esta razão, o autor afirma que “[...] a “verdade” está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. ‘Regime’ da verdade” (FOUCAULT, 2008b, p. 11).

Por fim, um fato pertinente de se discutir e que já foi brevemente introduzido neste estudo, trata-se do *status* que a LI ocupa atualmente: uma língua que tem tomado proporções inimagináveis com o seu avanço no mundo todo. Siqueira (2018) defende que esse fenômeno pode ser definido como *sui generis*, isto é, único e original “[...] de caráter transcultural e que transcende a concepção tradicional de língua franca” (SIQUEIRA, 2018, p. 93). Conforme afirmam Salles e Gimenez (2010, p. 28), “[...] a expansão do inglês tem sido o acirramento das relações de poder”, com isso, o inglês tem sido usado como uma ferramenta de prestígio e poder social.

O espaço alcançado pela LI pode ser observado em diferentes contextos, como na mídia televisiva, nas conexões digitais, nas músicas, séries, no comércio, nas marcas. Crescentemente o comércio se beneficia da condição do Inglês em prol do crescimento e valorização do seu

produto, seja ele material ou não. Salles e Gimenez (2010, p. 29) exemplificam a ascensão do Inglês, ao relembrem o uso massivo de produtos que são empregados apenas para simbolizar ou manifestar conhecimento ou familiaridade com a LI, mesmo não trazendo nenhuma significação ao usuário. As autoras reiteram afirmando que “[...] para estes usuários, o contato com a língua inglesa faz com que eles se sintam parte do grupo” (SALLES; GIMENEZ, 2010, p. 29).

Silveira (2010) pondera que o aprendizado de LI para o sujeito idoso é uma espécie de passaporte ao mundo hodierno. Através da sua pesquisa, a autora verificou que esse interesse reside no desejo de acompanhar os avanços do mundo atual, de atualizar-se, ou ainda pelo prazer de comunicar-se através da LI. Aponta-se, pois, para “um outro conjunto de significados para o envelhecimento, ou seja, nos remetem à valorização de práticas inovadoras de valores tradicionais, especialmente no que diz respeito ao uso de novas tecnologias e à reinserção na educação” (SILVEIRA, 2010, p. 122). Para além disso, Norton (2020) ainda ressalta a questão do investimento nas práticas discursivas na comunidade e na sala de aula. É o que se percebe, por exemplo, nas materialidades posteriormente analisadas em que ocorre um investimento sobre o idoso que aponta para a necessidade da aprendizagem da LI.

Por fim, o estudo de Crystal (2003) também provoca e responde a questões sobre a LI, especificamente ser o idioma global. O autor oferece duas respostas: de um lado, o seu contexto histórico-geográfico e, de outro, o sociocultural. No primeiro caso, o inglês está presente ao redor do mundo, nos mais diferentes lugares e continentes. Essa expansão, em termos geográficos, atribuí ao Inglês o rótulo de Língua Global (CRYSTAL, 2003). No segundo caso, é necessário compreender como as pessoas passaram a depender do Inglês, seja nas relações de comunicação, no bem-estar econômico e/ou social.

3 Análises e discussões

A primeira propaganda aqui analisada constitui um vídeo de 3m18s publicado no *YouTube* pelo do canal “CNA ITAGUAÍ”⁶. A materialidade possui 255 visualizações e foi publicada em 30 de outubro de 2018. Em sua descrição, a franquia apresenta que esta é uma nova modalidade de curso do CNA para pessoas com mais de 60 anos.

A princípio, a materialidade intitulada CNA *Seniors* refere-se a uma nova modalidade de curso voltada exclusivamente a idosos. A escolha pela grafia *seniors*, em inglês, em detrimento da forma sênior, no português brasileiro, denota o efeito de aproximação do sujeito público da propaganda com a língua inglesa e, com isso, pode imprimir um tom de singularidade no modo de tratar o sujeito idoso.

De início, a materialidade apresenta um depoimento de um idoso, aluno da CNA, de 63 anos de idade. Posteriormente, a voz do locutor da propaganda em *off* enuncia sobre a energia e vitalidade dos idosos de hoje, sobre o crescimento deste público e a oportunidade de aprender um novo idioma nessa conjuntura. Concomitantemente, imagens destes sujeitos aparecem e os mostram desenvolvendo atividades diversas, como o ciclismo, a natação, a dança, o entretenimento em parque de diversão e outras atividades que visam projetar o perfil de um “novo idoso”. As imagens desses sujeitos na sala de aula de inglês aparecem posteriormente juntamente com outros relatos experienciais.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S2mWjSgmwdQ>. Acesso em: 20 de mar. 2023.



Figura 1 - CNA Seniors



Fonte: Canal CNA ITAGUAÍ no YouTube (2018)

É importante atentar, inicialmente, ao depoimento de um dos idosos quando menciona:

“Eu tenho 63 anos e eu me sinto ainda uma pessoa ativa e produtiva, diante disso, eu procurei uma escola de inglês porque eu tô [sic] querendo, agora, na minha pré-aposentadoria” continua afirmando: “eu quero passear, eu quero viajar, eu quero conhecer outros países, outras culturas e, dentro disso, eu precisava aprender inglês” (CNA SENIORS, 2018, s. p).

O discurso é produzido em primeira pessoa e emoldura algo que parte das necessidades do sujeito que fala e das suas expectativas em relação ao curso, visto que procura um aprendizado que lhe proporcione saberes necessários para que possa viajar e experienciar novas culturas e países. Também se pode analisar a constituição desse sujeito em relação a si mesmo, pois ele se reconhece como uma pessoa ativa e, por isso, tem o desejo de viver novas experiências, inclusive a aprendizagem da LI. Tal língua é, pois, compreendida como um elemento de poder que permite vivenciar tais experiências.

Assim, é possível destacar que essas estratégias visam a tornar o sujeito capaz de produzir, de ser e estar economicamente ativo e inserido na sociedade. Convém, pois, não só prover um programa de saúde, uma instituição asilar, conforme nos mostra Monteiro (2014), ou qualquer outra tecnologia de biossegurança, “[...] mas mecanismos muito mais sutis, economicamente muito mais radicais do que a grande assistência” (FOUCAULT, 2005, p. 291).

Vale pontuar sobre o sentido gerado pelas imagens que reforçam a subjetividade de um “novo idoso” que se contrapõe àquela de outros tempos, como um ser apático, recluso e inativo. Nessa perspectiva, constrói-se uma nova identidade na qual o idoso é constituído pela biopolítica, pois concebido como proativo, autônomo e disposto a novas aventuras.

Quanto a isso, constatamos um apelo na materialidade da propaganda, quando os números são mostrados na tela, comprovando o crescimento de 18% desses sujeitos no Brasil. Esses números continuarão a crescer, segundo as últimas projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizadas em 2018, as quais evidenciam um progressivo aumento no grupo etário acima de 60 a 64 anos, desde o ano de 2023 a 2048. Quanto aos demais grupos, de 65 a 90 anos ou mais, estima-se um crescimento até o ano de 2050. Na materialidade da propaganda, os números são expostos com a pretensão de atribuir um valor de verdade e explicitar a razão pela busca de uma melhor qualidade de vida para este grupo populacional.

Ainda relacionado às imagens dos idosos a exercerem atividades diversas, vemos que incide sobre esses corpos tecnologias que resultam num processo de autossubjetivação que, de

acordo com Grigoletto (2007, p. 219) “[...] levam o indivíduo a agir e pensar sobre si mesmo para a obtenção de um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria etc.” Portanto, o sujeito subjetivado nas imagens permite um trabalho de reconstrução das identidades do sujeito idoso, conduzindo os seus comportamentos, hábitos, posicionamentos e maneiras de viver.

Neste sentido, a materialidade está alinhada à lógica biopolítica. Há uma preocupação em torno de um envelhecimento ativo que visa à seguridade e à melhoria da qualidade de vida desse sujeito, objetivando torná-los saudável ativo e longo (NARRAVO; BAZZA, 2012). Novamente a voz do locutor em *off* reaparece na materialidade:

Já são 30 milhões de pessoas no país em plena atividade, com muita vontade de aproveitar a nova fase, para se conectar, se movimentar, exercitar corpo e mente. No meio disso tudo, aprender um novo idioma pode ser uma grande descoberta e, para o CNA, é uma excelente oportunidade de mercado. (CNA SENIORS, 2018, s.p).

Observa-se que esse discurso investe sobre o sujeito idoso, construído como alguém que aproveita a vida, que está conectado às ferramentas digitais e que pratica atividades físicas melhorando, conseqüentemente, a sua mente e corpo. A LI, por sua vez, é introduzida como uma dessas estratégias biopolíticas, visto o seu potencial de exercitar as funções cognitivas, além de permitir estar em contato com outras pessoas e trabalhar a sociabilidade, como veremos mais adiante.

As estratégias de *marketing* da propaganda ocorrem, de modo mais contundente, quando o locutor manifesta abertamente, logo após apresentar os números, que esse novo público constitui uma excelente oportunidade de mercado. Além disso, ainda acrescenta: “de olho nessa demanda, abrimos as portas para receber também esse público” (CNA SENIORS, 2018, s. p.) Isso posto, o locutor confessa a razão pela qual este sujeito hoje é visado pela franquia: são objetos de interesse do sistema capitalista (NARRAVO; BAZZA, 2012). Podemos observar, nessa estratégia de não mostrar o objetivo da propaganda de imediato, a percepção de Carrascoza (2020), para quem essa revelação um pouco tardia do produto tende a gerar um efeito de que se trata de algo secundário no desenvolvimento da narrativa (é como se o idioma fosse apenas um complemento em razão do protagonismo do idoso) por meio de uma estética do velamento.

Ainda é pertinente analisarmos que a franquia atenta para uma turma exclusivamente de idosos, para a qual a metodologia foi pensada para atender tal perfil. Destarte, a franquia empreende adequações que consideram as necessidades desses sujeitos. Isso é reforçado no discurso do idoso, quando assinala: “o ritmo é um pouquinho mais dentro do que a gente espera, demora um pouquinho mais, mas a gente também chega lá!” (CNA SENIORS, 2018, s.p.). Nesse sentido, a turma criada e pensada exclusivamente ao idoso constitui-se como um diferencial do programa CNA seniors, posto que, além de proporcionar um ambiente de socialização ainda considera as singularidades desses sujeitos aprendentes.

No tocante às visões dos alunos em relação ao aprendizado do inglês, nota-se que, de um lado, o idoso menciona querer aprender a LI porque deseja viajar e enxerga o inglês como um passaporte para tal vivência. Por outro, uma idosa de 69 anos menciona que a sua pretensão inicial era tão somente “espairecer a mente”, mas, agora, confessa: “tô com vontade de aprender” (CNA SENIORS, 2018, s. p). Mais uma vez, pode-se identificar que, na medida em que se instaura uma nova verdade, constrói-se também novas identidades e esses sujeitos, objetos desse poder, são convocados a consumir, viver, experienciar, se cuidar, desejar

(NARRAVO; BAZZA, 2012). Em suma, estes sujeitos são convocados a (des)construir-se de acordo com as técnicas biopolíticas de governo.

A segunda materialidade discursiva analisada intitula-se “Por que devemos nos preparar para essa ‘NOVA’ geração de alunos?”⁷ e se encontra publicada no sítio da franquia “Inglês Athus⁸” e foi escrita e publicada por Ana Carla Tortola Milam, em 27 de setembro de 2018. A materialidade constrói um discurso direcionado aos professores, além de apresentar algumas razões pelas quais o sujeito idoso busca aprender a LI.

Partimos, pois, do próprio título do texto, especificamente do termo “NOVA” escrito em letras maiúsculas e entre parênteses. O termo é usado para designar um novo público que irrompe no âmbito do ensino de LI como língua adicional, mas este elemento é contrastado à idade do sujeito, visto que não são jovens, nem “novos”. O vocábulo é empregado para se referir a um público diferente, incomum e inédito, se comparado com aqueles que costumeiramente vemos como clientes das escolas de idioma. Esta “nova” clientela reporta-se aos idosos que, agora, têm cada vez mais ganhado esse espaço na sociedade, sendo vistos como alvo de atenção de diversos setores como a educação, a saúde, a segurança, o consumo e o lazer. A começar pelo título, essa materialidade discursiva denota um posicionamento de preocupação em acolher esses sujeitos, ao propor uma organização específica e algumas dicas de como recebê-los e evitar quaisquer desconfortos ou dificuldades.

Esta estratégia de acolhimento do idoso que visa assegurar, por parte da franquia, a permanência e comodidade deste sujeito no curso de LI está relacionada a uma convocação biopolítica em manter este sujeito inserido nesse contexto; assim, pode-se garantir retorno financeiro à escola de idiomas, além de possibilitar maior visibilidade da escola por ofertar uma modalidade de ensino direcionado aos idosos. Com isso, a repentina mudança e o aperfeiçoamento de uma metodologia que visa cuidar e atender esse mais novo público pode ser qualificado como uma estratégia biopolítica.

Ao destacar como deve ser o ensino de inglês para esse público, verdades sobre o ensino e aprendizagem do idioma são construídas ao relatarmos que é um público que tende a ser mais disperso, que possui dificuldade de memorização e podem perder-se diante de muitas informações. A posição de sujeito que enuncia na materialidade propõe logo em seguida que estes sujeitos conseguem se sair bem em aulas expositivas e em trabalhos em grupo, complementando que “muda a maneira como aprendem, mas não alteram sua capacidade de aprendizagem” (INGLÊS ATHUS, 2018, s.p). Desta feita, essas verdades não são concebidas como obstáculos à franquia, uma vez que ela mesma sugere uma mudança metodológica e adaptações visando acomodar esse público, encorajando, por exemplo, (i) a criação de um ambiente favorável, (ii) a criação turmas homogêneas, (iii) o acompanhamento personalizado e individual e (iv) a linguagem clara e acessível.

Sob esse ângulo, a materialidade discursiva parece, até então, estar endereçada aos docentes, uma vez que orienta e apresenta informações de como deve ocorrer a metodologia de ensino direcionada aos idosos. Entretanto, a revelação de que se trata de uma propaganda no final no texto, retomando o que discute Carrascoza (2020), recupera o objetivo precípua: induzir o leitor a entrar na escola de idioma. Já tendo falado das facilidades que a metodologia adotada por professores proporciona aos alunos, a posição de sujeito acrescenta: “Seja qual for sua

⁷ Disponível em: <https://www.athus.com/mostrar-blog/por-que-devemos-nos-preparar-para-essa-%E2%80%9Cnova%E2%80%9D-geracao-de-alunos/711>. Acesso em: 8 mar. 2023.

⁸ Escola de idiomas fundada em 2004 com sede em São Paulo-SP com 30 unidades escolares. Disponível em: <https://www.athus.com/> Acesso em: 8 mar. 2023.

idade, venha fazer parte da família ATHUS! Só aqui você encontra os melhores profissionais para lhe ajudar a conquistar seus sonhos” (INGLÊS *ATHUS*, 2018, s.p). Trata-se, aqui, de veicular um interesse econômico que parte da instituição (MONTEIRO, 2014), ancorado numa estratégia biopolítica que visa cuidar dos idosos e acolhê-los na escola de idiomas.

Isso ocorre em função do aumento estatístico do idoso que ganha a visibilidade deste e de outros comércios. Acerca disso, Monteiro (2014, p 130) afirma que “[...] a estatística abre espaço para observarmos a produção de efeitos de sentido e os deslocamentos identitários sofridos por esses sujeitos maiores de 60 anos”. Nessa perspectiva, Caldas (2004) relata que o sujeito não é velho em função do seu declínio, mas porque assim foi decretado. Em suma, esses deslocamentos acontecem na medida em que se estabelecem novos alvos de controle do poder, quer dizer, a biopolítica vai trabalhar para torná-los ativos, viáveis e produtivos (MONTEIRO, 2014).

A materialidade também enumera alguns fatores que levam esse sujeito a buscar um curso de inglês: “Seja por lazer, viagens ou questões de saúde, os idosos buscam cada vez mais aprender uma nova língua” (INGLÊS *ATHUS*, 2018, s.p). Aqui, volta-se a reafirmar o prestígio do idioma como um elemento de poder social e, portanto, um idioma almejado (SALLES; GIMENEZ, 2010).

Por fim, chegamos à última materialidade discursiva desse estudo, assim denominada: “É possível aprender inglês na terceira idade? Saiba como!”⁹. O texto encontra-se disponível na página da franquia “BSL- Inglês para brasileiros”¹⁰. A publicação foi realizada em 22 de outubro de 2018 e apresenta três motivos para aprender inglês na terceira idade e três dicas para que essa aprendizagem aconteça. A materialidade textual também está atrelada a uma imagem de sujeitos idosos sorrindo e interagindo frente às telas de aparelhos computadores.

Compreendemos que a propaganda já parte de um lugar de verdade que objetiva desconstruir a ideia de que a aprendizagem de inglês na terceira idade não é possível. O subtítulo já anuncia: “Ao contrário do senso comum, não existe nenhum impedimento para aprender inglês na terceira idade” (BSL, 2018, s.p.). A partir disso, a franquia faz circular um discurso segundo o qual a aprendizagem de inglês é possível e benéfica, do ponto de vista científico, ao público idoso, ao contrário do que propõe o “senso comum”. Isso posto, ainda reforçam “vamos começar acabando com esse mito de uma vez”, aqui, mais uma vez é explícito que a materialidade se posiciona contra as crenças que consideram essa aprendizagem inviável por parte dos idosos.

Quanto às razões expressas na materialidade para aprender inglês na terceira idade, expõem-se três motivos: (i) ajuda a manter o cérebro saudável; (ii) traz oportunidade de sociabilizar e (iii) reforça a autoconfiança. Consegue-se, pois, encontrar respaldo teórico para todas as razões expressas pela materialidade, como o estudo de Cardoso (2015) acerca das melhorias que a aprendizagem traz ao funcionamento do cérebro. Carneiro *et al* (2007) consideram a interação como elemento fundamental à qualidade de vida do idoso e Viana

⁹ Disponível em: <https://www.bsliomas.com.br/aprender-ingles-na-terceira-idade/>. Acesso em: 10 de março de 2023.

¹⁰ A BSL Editora e Franchising é uma empresa fundada no ano de 2012 por um grupo de professores com a missão de “Promover uma experiência memorável, interativa e genuinamente brasileira no aprendizado de idiomas, tornando nossos alunos fluentes, competitivos e globalizados” (BSL, 2018, s.p.). Disponível em: <https://www.bsliomas.com.br/quem-somos/> Acesso em: 10 de março de 2023.

(2020, p.34) destaca a aprendizagem como meio de se alcançar “[...] participação social, cultural e cívica”, além de auxiliar a preservação da saúde, e constituir-se como um método de manter este sujeito ativo (VIANA, 2020).

De início, é possível evidenciar o apelo ao saber biológico segundo o qual a aprendizagem de um idioma auxiliaria no melhor desenvolvimento de funções cerebrais. Nesse sentido, a materialidade argumenta: “O esforço para memorizar e entender a língua mantém as sinapses cerebrais ativas, e é muito mais divertido e dinâmico do que fazer palavras cruzadas!” (BSL, 2018, s.p.). A preocupação com a saúde mental do idoso denota, pois, uma estratégia biopolítica que intenta tornar esse sujeito mais atuante e saudável do ponto de vista psicológico, de forma que se possa fomentar essas funções do cérebro e assegurar melhorias na sua qualidade de vida.

Quanto à segunda razão apresentada, atenta-se para a oportunidade de sociabilidade, já expressa na materialidade antes analisada, quando se defende que o curso de inglês representa uma oportunidade de socializar e fazer novas amizades, construindo, assim, uma preocupação com a saúde mental e social do idoso e, portanto, uma tecnologia biopolítica.

A terceira e última razão enumerada pela franquia para aprender inglês é a autoconfiança, dessa vez, apresentando algo inédito que não aparece nas demais materialidades. Nesse sentido, o idoso é subjetivado como alguém que precisa desenvolver firmeza e confiança em si mesmo. Cria-se, portanto, um sujeito motivado a partir da aprendizagem do inglês, consoante verificamos: “Essa experiência pode ajudá-lo a recuperar a confiança em si mesmo, a autoestima, a motivação para tentar ainda outras coisas” (BSL, 2018, s.p.). Face ao exposto, alinhamos essa perspectiva também a uma estratégia biopolítica, ao tomarmos como pressuposto que a motivação influencia e direciona comportamentos e condutas favoráveis à saúde e à qualidade de vida do idoso. Na leitura de Navarro (2022), estamos diante de dispositivos de poder que controlam e regulam o corpo idoso, com vistas a torná-lo produtivo, jovem e saudável.

Pensando acerca das motivações que impulsionam um sujeito a aprender uma nova língua, vale pensar ainda na teoria do investimento conforme descrita por Norton (2020, p. 770).

A construção de investimento fornece um conjunto específico de questões associadas ao compromisso do aluno em aprender a língua-alvo. Além de perguntar, por exemplo, “Em que medida o aluno está motivado para aprender a língua-alvo?” o professor ou pesquisador pergunta: “Qual é o investimento do aluno nas práticas de linguagem desta sala de aula ou comunidade?” Um aluno pode ser um aprendiz de línguas altamente motivado, mas pode, no entanto, investir pouco nas práticas linguísticas de uma determinada sala de aula ou comunidade, que pode ser, por exemplo, racista, sexista, elitista ou homofóbica (NORTON, 2020, p. 770, tradução nossa)¹¹

¹¹ The construct of investment provides for a particular set of questions associated with a learner’s commitment to learning the target language. In addition to asking, for example, “To what extent is the learner motivated to learn the target language?” the teacher or researcher asks, “What is the learner’s investment in the language practices of this classroom or community?” A learner may be a highly motivated language learner but may nevertheless have little investment in the language practices of a given classroom or community, which may, for example, be racist, sexist, elitist, or homophobic.



Mediante o exposto, analisamos que apenas o comprometimento e desejo de aprender uma língua não resulta nem se traduz, necessariamente, no sucesso da aprendizagem. Pode-se, portanto, atentar para relações de desigualdade de poder, mencionadas pelo autor e já problematizadas neste estudo, entre os aprendizes e falantes nativos da língua. Além de considerar a motivação desse sujeito, devem-se analisar as condições e investimento em contexto histórico e social.

No que diz respeito às estratégias biopolíticas supracitadas, constatamos que entram em atividade quando a ausência da capacidade produtiva e a inatividade dos sujeitos começam a tomar proporções maiores e tornar-se, assim, preocupações políticas (MONTEIRO, 2014), àquilo que está ligado a uma estrutura e organização em nível macro.

Consoante relatamos, a materialidade também oferece três dicas para aprender inglês na terceira idade, orientando os seguintes aspectos: (i) não se cobre a fluência, (ii) procure um curso adequado e (iii) pense na turma ideal. Evidencia-se, primeiramente, que a noção do inglês como língua franca é considerada, ao se aconselhar que o aluno não assemelhe a sua pronúncia a outras, afirmando que o sujeito pode pensar fluência como a capacidade de se comunicar, fato que se assemelha às noções aqui expressas acerca da LF em Leite, Oliveira e Coura (2020), Crystal (2003) e Siqueira (2018). Acerca disso, Rosa Filho e Oliveira (2017, p. 59) relatam que a discussão do inglês como língua franca implica a constituição de uma mudança de paradigma

[...] An ELF perspective leads us to move beyond the idea of ‘proper’ or ‘legitimate’ uses of language as those practices certified by a specific and privileged normative center [...] Furthermore, the notion of ELF challenges the idea of language ownership through the deconstruction of a native-speakerism ideology.¹²

A fluência, no caso desta materialidade, não ligada a um ideal, uma vez que a propaganda reconhece a existência das variações, mas aqui, o foco recai sobre o progresso da comunicação do sujeito, diferentemente da segunda materialidade analisada. O texto ainda se utiliza de exemplos, como o nordestino e o paulista, defendendo que, ambos falam português, ainda que possam surgir dificuldades de compreender um ao outro. Assim, tenciona-se construir uma relação de confiança, estímulo e uma tentativa de desconstrução de uma ideologia do falante ou fluência ideal.

A segunda dica sugere que o idoso busque um curso adequado que respeite o seu ritmo e objetivo de aprendizagem, uma vez que, na “melhor idade”, conforme menciona a materialidade, “estudar é um processo de realização pessoal” (BSL, 2018, s.p.). Verificamos que a franquia oferece uma possibilidade ao sujeito para que se relacione com um curso que está mais alinhado às suas necessidades. Ao apresentar essas recomendações, a franquia se utiliza de uma estratégia de convencimento que visa ganhar o público-alvo através de instruções e orientações que não denotam, a princípio, a pretensão de atrair o público, mas sugerir e recomendar o curso, turma e procedimentos ideais. Entretanto, ainda esse método é considerado

¹² “Uma perspectiva de ILF nos leva a ir além da ideia de usos ‘adequados’ ou ‘legítimos’ da linguagem como aquelas práticas certificadas por um centro normativo específico e privilegiado [...] Além disso, a noção de ELF desafia a ideia de propriedade da linguagem através da desconstrução de uma ideologia de falante nativo” (ROSA FILHO; OLIVEIRA, 2017, p. 59, tradução nossa)

uma estratégia propagandística, uma vez que o objetivo desta é a persuasão e influência de determinado público ao consumo e adesão ao produto que se vende.

Por fim, a terceira dica exposta na materialidade sugere que o idoso pense na “turma ideal” de forma que se sinta confortável, seja uma turma de idosos ou de jovens. Nesse sentido, percebemos que a franquias oferece uma possibilidade de escolha ao idoso que irá partir do seu próprio desejo propiciando o bem-estar e comodidade ao sujeito.

Como qualquer discurso publicitário, a intencionalidade de retorno financeiro à instituição não escapa de ser visivelmente exibida: “A BSL ajuda você a aproveitar melhor a aposentadoria. Saiba mais AQUI!” (BSL, 2018, s.p.). Alinhado a isso, o estudo de Pilla e Gregolin (2015, p. 11) atenta ao cuidado para com os produtos da mídia e, mais que isso, para com a cultura que a divulga, defendendo que não só as intenções comerciais são consideradas, como também a política, assim, “[...] os comerciais tentam vender o seu produto e a política defender seus interesses”. Posteriormente, a materialidade direciona o seu convite a esse público ao final da página, reafirmando que não existe idade certa para aprender. Este discurso constrói o sentido de uma aprendizagem inclusiva, na qual o idoso é inserido como protagonista e agente da sua aprendizagem, uma vez que, além de conseguir aprender, ainda poderá escolher como, onde e com quem aprender, flexibilidade característica dos serviços privados.

4 Considerações finais

De acordo com as considerações tecidas neste estudo, evidenciamos os dados estatísticos, isto é, o crescimento populacional do grupo de idosos, como mola propulsora de políticas voltadas ao idoso, bem como uma série de estratégias biopolíticas de gestão da saúde, da inserção social, longevidade e saúde mental em discursos de propagandas de escolas de idiomas.

A análise nos permite pensar na constituição de um idoso como centro de um conjunto de práticas discursivas e alvo de um poder que o toma como objeto de interesse, com vistas a reconstruir as suas identidades sob a perspectiva de um “novo” idoso, que se contrapõe àquele de outro momento sócio-histórico. Incidem sobre esses corpos mecanismos de governamentalidade com a pretensão de ajustá-los a um regime de verdade vigente, em que se difunde a ideia de necessidade de aquisição do inglês como passaporte para o ingresso à participação na sociedade atual. Assim, a subjetividade é constituída por meio de mecanismos sutis de acolhimento com vista a representá-los como autônomos, ativos, longevos e modernos. Vê-se, então, a emergência de um regime de controle político e social se exercendo sobre esses corpos.

Especificamente em relação à LI, conseguimos identificar que o idioma é usado de maneira estratégica e com distintas motivações que são colocadas previamente pelas escolas de idiomas como símbolo de *status* e prestígio. Dessa forma, as escolas vendem o inglês como um instrumento do qual quem dele dispõe consegue estar inserido nas camadas prestigiosas e de influência. Também evidenciamos a LI como “necessidade” tendo em vista o seu potencial de Língua Global, sobretudo quando se atenta para as relações de comunicação, bem como forma de poder social e de inclusão que, por sua vez, não integra todos, mas convenientemente aqueles que podem oferecer retorno financeiro às escolas de idiomas.



Referências

AGUIAR, L. R. de M. de. **Identidades etárias e livro didático de inglês: um olhar crítico sobre representações do envelhecimento**. 2018. 186 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

BARROSO, L. M. M. C. **Aprendizagem de inglês na terceira idade: motivações, benefícios e dificuldades**. 2012. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2012.

BSL, inglês para brasileiros. É possível aprender inglês na terceira idade? Saiba como!". *BSL: Inglês para brasileiros*. 22 de out. 2018. Disponível em: <https://www.bslidiomas.com.br/aprender-ingles-na-terceira-idade/> Acesso em: 1 mar. 2023.

BRASIL. **Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei 8.842, de 4 de janeiro de 1994**. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Brasília, DF: Senado Federal, 1994.

BRASIL. **Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

CALDAS, C. P. A valorização do conhecimento da pessoa idosa e a manutenção do espírito crítico. In: LEMOS, M. T. T. B; ZABAGLIA, R. A. (org.). **A arte de envelhecer: saúde, trabalho, afetividade e Estatuto do Idoso**. Rio de Janeiro: Ideias & Letras, 2004. p. 51-60.

CARRASCOZA, J. A. A publicidade sem caráter e a estética do velamento. **Rumores**, São Paulo, n. 27, v. 14, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/165782/162074>. Acesso em: 20 mar. 2023.

CARDOSO, J. S.; RIBAS, A. C. G.; SILVA, K. C. *et al.* Aprendizagem de idiomas na terceira idade: muito além de um passatempo. In: LINGUAGEM, TEORIA, ANÁLISE E APLICAÇÕES, 8. 2015. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2015, p. 73-90.

CNA, Itaguaí. CNA Seniors. **YouTube**. 30 de out. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S2mWjSgmwdQ>. Acesso em: 1 mar. 2023.

CRYSTAL, D. **English as a global language**. Cambridge University Press. 2003.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, P. **Michel Foucault: Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.



FOUCAULT, M. **A ordem do discurso:** a aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber.** Trad. Luiz Felipe B. Neves. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2008a.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** 25. ed. Trad. Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2008b.

FOUCAULT, M. **Segurança, território e população.** São Paulo, Martins Fontes. 2008c.

GIMENEZ, T. *et al.* Inglês como língua franca: desenvolvimentos recentes. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 15, p. 593-619, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/MYDYbjDqBK4SNBvxg6DBfjS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jan. 2021.

GRIGOLETTO, M. Língua, discurso e identidade: a língua inglesa no discurso da mídia e a construção identitária dos brasileiros. **Filologia e Linguística Portuguesa**, [S. l.], n. 9, p. 213-227, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59781>. Acesso em: 03 mar. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Projeções de evolução dos grupos etários.** Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

INGLÊS ATHUS. Por que devemos nos preparar para essa ‘NOVA’ geração de alunos? **Inglês Athus.** 27 de set. 2018. Disponível em: <https://www.athus.com/mostrar-blog/por-que-devemos-nos-preparar-para-essa-%E2%80%9Cnova%E2%80%9D-geracao-de-alunos/711>. Acesso em: 1 mar. 2023.

LEITE, P. M. C. C; OLIVEIRA, A. C. T.; COURA, F. A. Inglês como língua franca, o mito da natividade e as implicações pedagógicas para o ensino/aprendizagem da língua inglesa. **Trem de Letras.** Alfenas, v. 6, n.1. p.1-18. 2020.

KIMINAMI, A. Y. **Campanhas publicitárias de escolas de língua inglesa:** entre discursos e subjetivações. 2016. 115 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Maringá: Maringá, 2016.

MENEZES, S. F. **(Im)possibilidades de tomada da palavra em língua inglesa por alunos da Terceira Idade.** 2017. 115 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Uberlândia: Uberlândia, 2017.

MONTEIRO, M. E. R. **Governmentalidade, biopolítica e biopoder:** a produção identitária para o “corpo velho” nos discursos da mídia brasileira contemporânea. 2014. 204 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2014.

MORAIS, L. C. C. C.; ANDRADE, E. R. O idoso nos livros didáticos de língua inglesa para o ensino médio. *In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA*, 19. 2014. **Anais...** Campinas: PUC Campinas, 2014.

NARRAVO, P. BAZZA, A. B. A subjetivação do “novo idoso” em textos da mídia. **Estudos da linguagem**, Vitória da Conquista, v. 10. n. 2. p. 143-159. 2012.

NARRAVO, P. Acontecimento discursivo e efeitos de poder sobre o sujeito idoso. *In: BUTTURI, A.; SEVERO, C. G. (org.). Foucault e as linguagens*. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 267-296.

NAVARRO, P. Por uma análise discursiva da velhice: arqueologia, genealogia e analítica da experiência idosa. *In: NAVARRO, P. (org.). Respostas a uma questão: como analisar as relações de poder e de resistência em discursos sobre o sujeito idoso?* Campinas, SP: Mercado das Letras, 2022. p. 122-164.

NORTON, B.; NICOLAIDES, C.; MIRA, C. Identity and investment in language education: an interview with Bonny Norton. **Calidoscópico**, [S. l.], v. 18, n. 3, p. 767–775, 2020.

Disponível em:

<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2020.183.15>. Acesso em: 5 de março, 2023.

OLIVEIRA, H. F. de. **À flor da (terceira) idade: crenças e experiências de aprendizes idosos de língua estrangeira (inglês)**. 2010. 189 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada: Universidade de Brasília: Brasília, 2010.

PILLA, A. de S.; GREGOLIN, I. V. Algumas percepções sobre a relação língua e cultura em propagandas de escolas de idiomas. **Revista Desempenho**, [S. l.], v. 1, n. 19, 2015.

Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rd/article/view/9624>. Acesso em: 5 mar. 2023.

ROSA FILHO, J. A.; OLIVEIRA, D. N. English as a Lingua Franca: implications for language policies and pedagogical practices. **Revista Bem Legal**. Porto Alegre. v. 7. n. 2. 2017.

SALLES, M. R.; GIMENEZ, T. Ensino de inglês como língua franca: uma reflexão. **Revista BELT**. Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 26-33, 2010.

SILVEIRA, M. R. **O ensino de língua inglesa e o imaginário sobre o idoso**. 2010. 134 f. Dissertação. (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2010.

SIQUEIRA, S. Inglês como língua franca não é zona neutra, é zona transcultural de poder: por uma descolonização de concepções, práticas e atitudes. **Línguas & Letras**. Cascavel, v. 19, n. 44, p. 93-113. 2018. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/20257/pdf>. Acesso em: 19 jan. 2021.

VASCONCELOS, D.; SIQUEIRA, S. Covid-19, um país fraturado e o inglês no meio. *In*: ASSUNÇÃO, E. T. C; SANTOS, J. A. (org.). **Linguística Aplicada em tempos de barbáries**. Catu: Bordô-Grená, 2021. p. 42-77.

VIANA, H. B. Velhice e aprendizagem: o desafio de ensinar pessoas idosas. *In*: TAVARES, C. N. V.; MENEZES, F. R. (org.). **Envelhecimento e modos de ensino-aprendizagem**. Uberlândia: EDUFU, 2020. p. 32-54.

Recebido em março de 2023.

Aprovado em junho de 2023.